

A atuação e a participação das mulheres na reforma protestante do Século XVI

*Claudete Beise Ulrich**

Resumo

A Reforma no século XVI não teria acontecido sem a efetiva participação das mulheres. O presente artigo busca recuperar histórias de mulheres que atuaram de forma efetiva e criativa no movimento da Reforma protestante. As fontes de pesquisa estão baseadas em biografias, artigos, textos, livros e cartas escritas pelas mulheres reformadoras e pelos reformadores, além de visitas a igrejas e vários museus, especialmente nas cidades de Wittenberg e Torgau (Alemanha) e Estrasburgo (França). Em 2017, comemoram-se os 500 anos da Reforma. É tempo de revisitar e reler a história desse movimento a partir da experiência das mulheres reformadoras.

Palavras-chave: Reforma protestante; mulheres; participação.

The performance and the participation of women in the reformation of the 16th Century

Abstract

The Reformation in the XVI century would not have happened without the effective participation of women. This article recovers stories of women who worked effectively and creatively in the movement of the Protestant Reformation. The research sources are based on biographies, articles, texts, books and letters written by women reformers and the Reformers, as well as visits to church and several museums, especially in the city of Wittenberg and Torgau, in Germany and Strasbourg in France. As we prepare to celebrate the 500th anniversary of Reformation, in 2017, it is important for us to revisit and rereading the history of this movement from the experience of reforming women.

Keywords: Protestant Reformation; women; participation.

* Dra. em Teologia pelas Faculdades EST São Leopoldo e pós-doutorado em História na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis/ SC). Atualmente, professora de Teologia na graduação e na pós-graduação em Ciências das Religiões na Faculdade Unida em Vitória/ ES. E-mail: claudete@faculdadeunida.com.bra

La actuación y la participación de las mujeres en la reforma del Siglo XVI

Resumen

La Reforma en el siglo XVI no hubiera sido posible sin la participación efectiva de las mujeres. En este artículo se busca recuperar historias de mujeres que trabajaron con eficacia y creatividad en el movimiento Protestante. Las fuentes de investigación se basan en biografías, artículos, textos, libros y cartas escritas por mujeres reformadoras y también por hombres reformadores, así como en visitas a iglesias e varios museos, especialmente en las ciudades de Wittenberg y Torgau (Alemania) y Estrasburgo (Francia). Ya que en el 2017 se celebran los 500 años de la Reforma, es tiempo de volver a leer y revisar la historia de este movimiento a partir de la experiencia de las mujeres reformadoras.

Palabras-clave: Reforma Protestante; mujeres; participación.

Introdução

A Reforma no século XVI alcançou todos os segmentos da população e encontrou um grande número de seguidores e seguidoras, especialmente nas cidades imperiais livres, incluindo significativos centros econômicos, como Estrasburgo, Augsburg, Nürnberg. Era chegado o *keirós*. Transformações eram necessárias na Igreja e na sociedade. A publicação das 95 teses de Lutero chegou num momento oportuno (LUTERO, 1984, p. 33-43). As condições políticas internas e externas do Sacro Império Romano sob os imperadores Maximiliano I (1493-1519) e seu neto Carlos V (1519-1556) ofereceram boas condições para a efetivação de reformas na igreja e na sociedade. Outro elemento importante para que essas mudanças se realizassem foi o fato do Sacro Império Romano Germano ser dividido em pequenos reinos. Dessa forma, segundo BECK, “a Reforma foi sendo introduzida em várias cidades, territórios e reinos na Alemanha e Europa” (1984, p. 15; p. 19). Como bem lembra LE GOF, “o sistema feudal não afastava sistematicamente a mulher da direção das senhorias, dos feudos, nem mesmo dos reinos” (2008, p. 132). Portanto, vamos encontrar mulheres regentes introduzindo a reforma em sua área de atuação.

O Renascentismo, o Humanismo, o movimento reformatório sob João Wyclif, na Inglaterra, John Huss, na Boêmia e Morávia, Nicolau de Cusa, na Itália, abriram caminho para a efetivação da Reforma no século XVI (SCHNABEL-SCHÜLE, 2013, p. 48-55). A nova arte de imprimir, a partir da descoberta da Imprensa por Gutenberg, assegurou rápida disseminação das novas ideias do Reformador Martinho Lutero (LEPPIN, 2009, p. 62-63). Já em 1520, apareceram as três grandes obras da Reforma: *A nobreza cristã da nação alemã*; *Do Cativoiro Babilônico da Igreja* e *Da Liberdade Cristã* (DREHER, 2005, p. 4). Especialmente, o livro *Da Liberdade Cristã* foi uma inspiração

para que as mulheres e os homens cristãos fizessem uso em palavras e ações da liberdade. Para Lutero, a liberdade está ligada com o serviço em amor à pessoa próxima. A teologia inclusiva do Batismo, que afirma o Sacerdócio Geral de Todas as Pessoas Crentes em Jesus Cristo, e os princípios reformatórios, somente a Escritura, somente a Fé e somente Cristo, libertaram homens e mulheres de sacrifícios para alcançar a salvação. A salvação é graça de Deus, em Cristo Jesus.

Esses princípios fizeram que mulheres e outras pessoas leigas se envolvessem em questões teológicas e políticas e buscassem saída para os problemas de seu tempo. Muitas pessoas se utilizaram de cartas panfletárias para divulgar as ideias reformatórias, sempre baseadas na Bíblia. Para as pessoas que não sabiam ler, as cartas eram lidas nos mercados e nos púlpitos das igrejas. As discussões teológicas e as suas implicações nas igrejas e na sociedade fizeram parte dos diálogos nas Universidades e na vida cotidiana.

Revisitar e reler a história, a partir da história das mulheres, é reconhecer que elas foram silenciadas e invisibilizadas. A história que chegou até nós foi a dos homens heróis e de seus grandes feitos. Nomes como Martinho Lutero, João Calvino, entre outros, são conhecidos. No entanto, nomes como Argula Stauff von Grumbach, Elisabeth von Calenberg, Elisabeth Schütz Zell ou Katharina von Bora são praticamente desconhecidos. O historiador Martin Jung, no seu artigo “Nenhuma reforma sem o apoio das mulheres”, na página da Igreja em Württemberg, afirma que a Reforma não teria acontecido sem a participação efetiva das mulheres (JUNG, s.a, s. p.).

O presente artigo, a partir de pesquisas bibliográficas e visitas em museus em Wittenberg, Torgau (Alemanha) e Estrasburgo (França), aponta, primeiramente, para a visão do reformador Martinho Lutero em relação às mulheres, em seguida apresenta cinco biografias de mulheres reformadoras e conclui afirmando a necessidade da Teologia e os Estudos das Religiões estarem em constante diálogo com a memória das narrativas das histórias das mulheres, da vida cotidiana, objetivando a construção de relações igualitárias entre homens e mulheres, respeitando as diversidades sociais, culturais e religiosas do tempo presente. Uma volta às fontes – *ad fontes*, princípio humanista-renascentista –, que serviu de inspiração para a Reforma do século VI, se faz urgente e necessário nas celebrações dos 500 anos do movimento protestante no Brasil, movimento esse que precisa estar em contínuo processo de reforma, isto é, de reflexão e de transformação. Portanto, reler e revisitar a Reforma a partir da narrativa das histórias de vida de mulheres reformadoras apresenta aspectos da vida cotidiana, sem os quais o movimento protestante não teria se realizado.

Lutero e a sua visão em relação às mulheres

A visão de Lutero em relação às mulheres é paradoxal. Ele se atém à ordem natural, isto é, entendia que as mulheres foram criadas para serem mães e esposas. O novo modelo de vida colocado como ideal para as mulheres, a partir da Reforma, foi o casamento. Com a Reforma, portanto, viu-se o casamento e a agregação familiar como a primeira ordem de Deus. No entanto, para Lutero, o casamento não é um sacramento (LUTERO, 1995, p. 160-183).

Com a instituição do casamento e da família, os reformadores procuraram combater também a prostituição, que era muito comum nesse período. A sexualidade deveria ser vivida dentro do matrimônio. Muitos padres e sacerdotes também regularizaram a sua situação, pois mantinham relacionamentos amorosos e tinham crianças que não eram reconhecidas, pois os mesmos não podiam casar devido ao celibato (LUTERO, 2000, p. 311-314).

O reformador (LUTERO, 2000, p. 314-315) criticou a vida monástica. Dessa forma, muitos mosteiros e conventos foram extintos. Com a crítica à vida monástica e à dissolução dos mosteiros, não só um modelo de vida feminina, mas um novo padrão de vida para as mulheres foi definido. Foi determinado um novo espaço para a mulher: esposa, casa, maternidade, cuidado das crianças. Também muitos monges e monjas saíram do convento, casaram e constituíram família.

Para as mulheres, no entanto, essa nova situação, considerada como uma missão ideal, apresentava muitas situações ambivalentes. As alternativas não eram as mais atraentes. Elas precisavam encontrar um homem com quem quisessem casar ou que quisesse casar com elas, para então tornarem-se esposas, donas de casa e mães. Outra possibilidade para as mulheres que saíam dos conventos era voltar para a sua família de origem, mas muitas famílias já não as recebiam de volta, pois elas voltavam com as mãos vazias. Sair do convento era uma decisão difícil. Era deixar para trás uma vida protegida e privilegiada, que oferecia educação, conhecimentos de latim, de música, de medicina, de administração, por exemplo. Além do mais, nesse ambiente, elas não eram tuteladas por nenhum homem, não sofriam os perigos físicos das muitas gravidezes, dos partos e dos puerpérios. A pílula anticoncepcional é uma invenção do século XX (PEDRO, 2000, n.p.). Além do mais, na Idade Média se desenvolvera o sentimento da dor da morte das mulheres e dos homens em relação à morte prematura de seus filhos e filhas (ARIÉS, 1981, p. 50-61).

Lutero recomendou a educação de meninos e meninas em seus escritos: *Aos conselheiros de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs* (1524) e *Uma prédica para que se mandem os filhos à escola* (1530). No en-

tanto, a realização dessas recomendações não foi um ato mágico e levaram-se alguns anos para que isso de fato fosse colocado em prática.

Muitas freiras não sentiam a vida monástica como Lutero a designara: uma “prisão eterna”. Naturalmente, também a vida monástica tinha o seu lado sombrio. Algumas freiras superiores eram muito rígidas, lideravam a partir de um duro regimento, sendo que também a nobre profissão de pobreza, obediência e castidade nem sempre era respeitada. No entanto, houve mulheres que não quiseram deixar a vida no convento. Muitas mulheres não desejavam o casamento nem mesmo a maternidade. Elas sentiam-se bem com a vida monástica, pois estavam acostumadas e familiarizadas com os horários e as regras fixas, com a vivência da espiritualidade e com as mulheres com quem compartilhavam a vida religiosa.

É importante lembrar que houve mulheres que aderiram à Reforma, mas lutaram para permanecer no convento. Uma delas foi a abadessa Caritas Pirckheimer, na cidade de Nürnberg (Alemanha). O reformador Philipp Melanchthon foi o intermediador do diálogo. O resultado positivo: o convento não foi dissolvido e as mulheres puderam permanecer no *Klarakloster* (Convento de Santa Clara – tradição de Clara de Assis – Irmãs Clarissas). Assim, a superiora Caritas Pirckheimer foi uma de muitas mulheres que não aderiram ao modelo de mulher, proposto pela Reforma. Caritas Pirckheimer em muitos dos seus textos elogia Melanchthon por sua postura de diálogo e por ter respeitado a decisão das mulheres de permanecerem no convento (JUNG, 2008, p. 119-123).

Percebe-se que Lutero foi um homem do seu tempo. Ele atuou entre as luzes e as sombras da Idade Média. Por um lado, em seus escritos ele defendeu o casamento, a maternidade e o governo da casa como lugar das mulheres, mas por outro ele elogiou as mulheres que atuaram corajosamente nos meios públicos e políticos. Ele elogiou e manteve correspondências com a regente Elisabeth von Calenberg, que introduziu a Reforma no seu reino, também manteve correspondências com Argula Stauff von Grumbach, elogiou as suas cartas públicas e a forma como ela defendeu os princípios reformatórios. Além do mais, referiu-se à sua esposa Katharina von Bora como a juíza no mercado de porcos, doutora, a Lutera, a querida Käthe. A visão de Lutero em relação às mulheres vai se transformando no decorrer do tempo. O seu escrito, *Da vida matrimonial*, é de 1522, quando ainda não era casado. Suspeita-se que o contato com mulheres reformadoras e a discussão sobre os seus textos teológicos, o casamento com Katharina von Bora, bem como o tornar-se pai tenham influenciado uma mudança na visão de Lutero em relação às mulheres. Na continuidade da reflexão, apresentam-se cinco histórias de mulheres participantes ativas no

movimento da Reforma Protestante.¹Katharina von Bora Lutero: Ousada, empreendedora e empoderada²

Katharina von Bora nasceu no dia 29 de janeiro de 1499, como filha de Hans von Bora e Katharina von Haubitz, um casal nobre empobrecido, na pequena aldeia de Lippendorf, na região da Saxônia, Alemanha. A mãe de Katharina faleceu quando ela era pequena. O seu pai, Hans von Bora, casou-se novamente. Ela foi, então, levada pelo pai, com apenas 6 anos de idade, para o convento beneditino em Brehna, com o objetivo de ali receber uma boa educação.

Esse convento, possivelmente, tornou-se muito caro para o pai e quando Katharina completou 10 anos de idade, em 1509, ele a transferiu para o convento da ordem Sistersinianas Trono de Maria, em Nimbschen, Alemanha. Nesse mesmo período, fora eleita a madre superiora do convento, uma parenta por parte da mãe de Katharina. Além disso, uma tia de Katharina, Magdalena von Bora, vivia nesse convento havia muitos anos. Provavelmente, essas relações de parentesco também tiveram influência na decisão do pai na escolha desse convento. No convento em Nimbschen, Katharina aprendeu a ler, a escrever um pouco de latim (a língua acadêmica desse período histórico), a decorar salmos e recitá-los, a fazer trabalhos manuais e adquiriu conhecimentos na área administrativa e no uso de ervas medicinais. Em 1515, Katharina fez os seus votos como freira. Assumiu viver em castidade, em pobreza e em obediência. Ela viveu cerca de 13 a 14 anos nesse convento.

Um acontecimento que mudou a vida de Katharina, e também de outras mulheres que viviam nos conventos, foi a leitura dos textos de Martinho Lutero, em que este mostrava que a justificação é por graça e fé, não mais sendo necessárias as obras e os sacrifícios para alcançar a salvação. Inspiradas pelas ideias reformatórias, que a salvação, portanto, também podia ser obtida fora do convento, doze freiras fugiram do convento de Nimbschen, numa sexta-feira santa, dia 5 de abril de 1523. Um comerciante de Torgau, Leonard Koppe, escondeu as doze freiras entre os barris de peixes e assim as tirou para fora do mosteiro, passando pela cidade de Grimma, levando-as até Torgau, a qual ficava cerca de 52 Km de Nimbschen. Em Torgau foram

¹ Devido ao espaço deste artigo, só serão discutidas cinco histórias de mulheres participantes na Reforma protestante do século XVI. Mas há muitas outras protagonistas ativas nas transformações do seu tempo. Em 2017, será publicado pela Editora Sinodal o livro *As mulheres e a Reforma*, que está sendo escrito por Heloisa Gralow Dalferth e pela autora deste texto.

² Para elaborar a narrativa da história de vida de Katharina von Bora foram consultados os seguintes autores e autoras: Bainton (1996, p. 17-39); Jung (2008, p. 105- 111); Haase (2011, p. 51-66); Ellrich (2012, p. 19-22); Dalferth (2000); Koch (2010, p. 4-9); Treu (2013) e Sens (2006).

bem recebidas pela população da cidade. Das doze ex-freiras, três voltaram para as suas casas e nove seguiram viagem para Wittenberg, situada cerca de 50 Km de Torgau, sendo acolhidas pelos reformadores, entre eles Martinho Lutero e Filipe Melanchthon. Eles procuraram por famílias que pudessem acolher as moças, agora libertas do cativo do convento. Depois de algum tempo, as ex-freiras casaram e tiveram filhos e filhas.

Katharina von Bora foi encaminhada para a casa do grande pintor e farmacêutico Lucas Cranach e sua esposa Barbara Cranach. Ela trabalhou e viveu com os Cranach, por dois anos, tornando-se uma grande amiga de Barbara Cranach. Provavelmente, aprendeu muito com essa família nobre da cidade de Wittenberg. É interessante perceber que, inclusive, o quadro que conhecemos de Katharina foi pintado por Lucas Cranach.

O primeiro amor de Katharina foi Hieronymus Baumgärtner, ex-estudante da Universidade de Wittenberg. Ele era filho de uma família nobre da cidade de Nürnberg. No entanto, os pais de Hieronymus não consentiram que o seu filho casasse com uma freira foragida. Casar com uma ex-freira era considerado algo muito negativo, e além do mais, poderia significar também a pena de morte. O movimento da Reforma estava em processo e nem todos os lugares já haviam aderido à nova fé. Muitas cidades e reinos permaneciam muito fiéis a Roma. O reformador Martinho Lutero sentiu-se responsável pelas freiras fugitivas. Ele procurou, também para Katharina, um marido, o pastor e professor Kaspar Glatz. Katharina, categoricamente, respondeu que não se casaria com o professor Kaspar, mas sim, estava disposta a casar-se com o próprio Lutero.

Lutero não hesitou e aceitou o pedido de Katharina. No dia 13 de junho de 1525, Katharina e Lutero se casaram, numa terça-feira, dia reservado para os casamentos. Estiveram presentes: o casal Lucas e Barbara Cranach, o pastor da igreja da cidade Justus Jonas, o jurista Johann Apel e Johannes Bugenhagen, que oficializou a cerimônia, sendo ele pastor de Wittenberg. Após o casamento, o casal mudou-se para o antigo convento dos monges agostinianos, o Schwarzes Kloster (convento negro).

Katharina von Bora deu à luz seis crianças: João (1526), Elizabeth (1527), Magdalena (1528), Martin (1531), Paul (1533) e Margarete (1534). Um grande sofrimento para o casal foi a morte das filhas Elisabeth e Magdalena, de forma prematura. Elizabeth morreu ainda bebê e Magdalena aos 12 anos de idade. O casal viveu em Schwarzes Kloster durante 20 anos com filhos, filhas, familiares, estudantes, convidados, visitas, pessoas foragidas e também pessoas que trabalhavam com a família.

Katharina foi uma mulher empoderada e ousada do seu tempo. Pode-se perceber isso também por meio das cartas do marido Martinho Lutero para

a sua mulher Katharina von Bora. Em suas cartas, Lutero se refere a Katharina como: minha querida Kätthe, minha simpática, querida Kätthe Luther, fazedora de cerveja, juíza no mercado de porcos, minha simpática querido senhor Katharina Luther (mesmo com uma linguagem que não seja inclusiva, Lutero coloca Katharina em igualdade com os homens), doutora, pregadora de Wittenberg, doutora Luther, minha querida dona de casa Katharina Luther, doutora, mercadora de porcos de Wittenberg, minha graciosa senhora, em mãos e pés, à santa, mulher preocupada, senhor Katharina Luther, doutora, mulher de Zülsdorf, de Wittenberg, minha estrela da manhã de Wittenberg, minha graciosa, querida dona de casa, a luterana. Além de se dirigir dessa forma a Katharina, Lutero também assinava as cartas de forma *Dein Liebechin*, Teu amorzinho (LUTHER, 2011, p. 140).

Portanto, é possível perceber que Katharina rompeu com muitas fronteiras do seu tempo. Enumero alguns desses rompimentos: 1) um dos seus primeiros atos foi um gesto de rebeldia. Ela fugiu do convento, enfrentou todos os perigos, inclusive perigo de morte. Com isso assumiu que a salvação pode ser vivida fora dos muros do convento. A salvação é por graça e fé. Princípio fundamental da reforma luterana; 2) escolheu com quem queria casar e casou-se com o reformador Martinho Lutero; 3) participou das conversas à mesa e discussões teológicas com estudantes e reformadores. Lutero a chamou de doutora; 4) rompeu com o mundo privado. Ela foi chamada pelo marido de juíza, mercadora no mercado de porcos. Isso significa que ela negociava no mercado. O mercado era parte do mundo público, onde quem negociava eram os homens; 5) além do mais, Katharina é considerada a primeira administradora, empreendedora rural, pois ser Hausfrau (dona de casa) tinha outro significado daquele que conhecemos hoje. Dona de casa aqui significa ser a administradora de todos os bens da família (casa, terras, animais), inclusive da produção intelectual do marido, pois era ela quem negociava com os editores dos escritos de Lutero. Katharina controlava o orçamento familiar. Como se pode perceber numa conversa à mesa anotada, possivelmente, por seu aluno Anton Lauterbach. Segundo anotações dos estudantes, Katharina diz ao seu marido: “Doutor! Não ensines de graça! Eles já recolhem tantas coisas boas! Principalmente Lauterbach! Uma porção de coisas, e tão proveitosas” (FEBVRE 2012, p. 27).³ 6) Outro ponto importante a ser considerado na Idade Média são os conhecimentos de medicina. Provavelmente, a farmácia doméstica de Katharina contava com uma rica variedade de espécies cultivada na sua horta.

³ Luthers Tischreden in der Mathesischen Sammlung, p. p. Kroker (1993, p. 192, n. 232, 24/08/1540); W., Tischreden, v. IV, p. 704, n. 5.187. ap. Febvre (2012, p. 27). Katharina se refere a Anton Lauterbach, aluno de Lutero.

Com seus conhecimentos medicinais, que adquiriu no convento, ela cuidou da saúde de Lutero, que sofria de dores renais. Além do mais, ela era amiga de Lucas Cranach que foi, além de importante pintor, farmacêutico na cidade de Wittenberg. 7) Katharina com o seu pensionato em Schwarzes Kloster abrigava estudantes de várias regiões da Europa. Além do mais, a família Lutero recebia muitos hóspedes internacionais, que vinham discutir questões relativas à teologia e ao movimento da Reforma que estava em curso. Portanto, Katharina é uma mulher que se relaciona com a intelectualidade do período da Reforma.

Katharina contribuiu de forma efetiva para a prosperidade da família Lutero. Ela comprou terras em Zülldorf, coordenava uma fábrica de cerveja e alugou um açude para a criação de peixes. Além da sua capacidade administrativa, Katharina foi uma grande parceira do seu marido e reformador Lutero. Provavelmente, participou de muitas discussões e conversas teológicas que aconteceram ao redor da mesa em sua casa com estudantes e reformadores (*Tischreden*). Numa conversa à mesa, Lutero disse: “(...) Eu não trocaria minha Käthe nem pela França e nem por Veneza. Ela me foi dada por Deus, assim como eu fui dado a ela” (CLEMEN, ap. SENS, 2006, p. 38).

Lutero morreu no dia 18 de fevereiro de 1546, e ele a tinha colocado como sua única herdeira e responsável pelos filhos e filhas em seu testamento (TREU, 2013, p. 60-61). No entanto, esse desejo de Lutero não condizia com as leis da época, pois uma viúva necessitava de um tutor. O testamento de Lutero foi contestado e assim Katharina perdeu o direito sobre muitos dos bens da família. O tempo de viuvez de Katharina foi muito difícil para ela.

Uma grande peste se abateu sobre a cidade de Wittenberg e, em 1552, Katharina von Bora retirou-se com sua filha Margarete para a cidade de Torgau. Em direção a Torgau, ela sofreu um acidente, em consequência do qual veio a morrer em 20 de dezembro de 1552, sendo enterrada na Igreja de Maria, em Torgau.

Elisabeth von Meseritz Cruciger: Primeira compositora do protestantismo⁴

Elisabeth von Meseritz nasceu em 1500, na Pomerânia, na divisa entre a Alemanha e a Polônia. Não é possível, segundo Domröse (2011, p. 60), identificar a origem da sua família. Sabe-se que ela foi quando pequena para o Convento Irmãs de Maria, da ordem dos *Premonstratense*, em Treptow, junto ao rio Rega. O convento era um dos poucos lugares que ofereciam educação

⁴ Os autores e autoras consultados para a história da vida de Elisabeth von Meseritz Cruciger foram: Hase (2011, p. 39-41); Domröse (2011, p. 59-72); Ellrich (2012, p. 23-25) e Koch (2010, p. 30-33).

para as mulheres. As mulheres aprendiam a ler, escrever, calcular, cantar e fazer música. Ela manifestou, desde pequena, um grande interesse pela música.

Quem atendia, espiritualmente, a esse convento era o sacerdote Johannes Bugenhagen, que também atendia ao convento masculino da mesma ordem. Foi ele quem trouxe para dentro do convento as ideias reformatórias, que afirmavam que, para alcançar a salvação é necessário somente a Graça, a Fé, a Escritura e Cristo. Tem-se notícias que Elisabeth trocou correspondências de cunho teológico com um judeu batizado, chamado Joaquim de Stettin.

Com 18 anos de idade, ela deixou o convento e foi recebida na casa de João Bugenhagen, que havia casado e se tornado pastor na cidade de Wittenberg. A casa pastoral também era uma espécie de pensionato, algo muito comum no tempo da Reforma. Lá ela conheceu o aluno e colaborador de Lutero, Caspar Cruciger, com quem se casou, em 1524. Quando Caspar terminou o doutorado, foi enviado para ser pastor e diretor de uma escola em Magdeburgo. Elisabeth deu à luz um filho e uma filha, que receberam o nome dos pais: Caspar e Elisabeth. Em 1527, o casal voltou para Wittenberg, e Caspar tornou-se professor, primeiramente, na Faculdade de Filosofia, e depois na Faculdade de Teologia. Ele colaborou com Lutero na tradução do Antigo Testamento.

As famílias Cruciger e Lutero mantiveram uma forte amizade. Lutero, quando escreveu uma carta ao seu filho Hans (João), lembrou os amigos, Lipe e Justo, filhos dos reformadores Filipe Melanchthon e Katharina Krapp e de Justo Jonas e Katharina Jonas (LUTERO, 1984, p. 335-336). Katharina e Elisabeth foram muito amigas. O filho Caspar substituiu Melanchthon na Universidade e a sua filha Elisabeth casou, num segundo casamento, com João, o filho de Katharina e Lutero. Elisabeth Cruciger morreu no dia 2 de maio de 1535.

No ano do seu casamento, em 1524, Elisabeth escreveu o hino “Senhor Jesus Cristo, o único filho de Deus, pai em eternidade...” (DÖMROSE, 2011, p. 59). Lutero incluiu o hino no primeiro hinário protestante em Wittenberg (DÖMROSE, 2011, p. 60) e ainda hoje se encontra no hinário oficial da Igreja Evangélica da Alemanha, sendo cantado no último domingo de Epifania. Elisabeth é considerada a primeira compositora do protestantismo.

Senhor Jesus Cristo, o único Filho de Deus, / Pai em eternidade / Do seu
 coração brotou, / como está escrito, / ele é a estrela da manhã, / a sua luz
 brilha até os lugares mais distantes / clara muito além das outras estrelas;
 Nascido para nós como ser humano, / quando completou-se o tempo /
 Para que nós não fôssemos perdidos na eternidade / Até a morte para nós
 aniquilou, / o céu ele abriu / A vida de volta foi trazida.

Deixa-nos em teu amor / e que teu conhecimento tome conta, / que nós permaneçamos na fé, / e que te sirvamos em Espírito / que nós possamos aqui sentir o gosto / da doçura do teu coração / sendo sempre sedentos de Ti. Tu criador de todas as coisas, / Tu força paterna governa de eternidade a eternidade, / poderoso a partir do teu próprio poder. / Dirige nossos corações a ti / e transforma os nossos sentimentos. Para que não nos apartemos de Ti. Faça-nos dormir com a tua bondade, / acorda-nos com tua Graça. O velho ser humano adoce, / para que o novo possa viver. E aqui nesta terra / que a mente, todos os desejos e pensamentos sejam levados para Ti (EVANGELISCHES GESANGBUCH, Lied 67, tradução do autor).⁵

O hino composto por Elisabeth demonstra o seu conhecimento bíblico e a sua sabedoria teológica. Logo no primeiro verso do hino, ela faz menção ao texto do Evangelho de João capítulo 1, versículo 18, o filho, nascido do coração de Deus. Ela se refere a Cristo como a estrela da manhã, que brilha nos lugares mais distantes, fazendo referência ao texto bíblico de Apocalipse 22.6. O último verso lembra o texto de Paulo escrito aos Romanos 6.1-4. Na graça acorda-se como novo ser humano.

O que é possível perceber no hino de Elisabeth é também as suas raízes místicas. Ela se utiliza de uma linguagem sensitiva para se referir a Jesus Cristo, por exemplo, no verso três: “Deixa-nos em teu amor / e que teu conhecimento tome conta, / que nós permaneçamos na fé, / e que te sirvamos em Espírito / que nós possamos aqui sentir o gosto / da doçura do teu coração / sendo sempre sedentos de Ti” (cf. tradução do hino citado). O hino demonstra uma experiência espiritual que somente com uma linguagem poética, mística, é possível descrever o Cristo da graça. Elisabeth é uma teóloga-compositora. O hino de Elisabeth declara os princípios protestantes *Solus Christus* – Somente Cristo, *Sola Gratia* – Somente a Graça, *Sola Scriptura* – Somente a Escritura e *Sola Fide* – Somente por meio da Fé as pessoas encontram Deus. A mensagem desse hino é uma confissão de fé. Afirma que a fé cristã não é apenas um ato de compreensão intelectual, mas um movimento do coração, voltado não para o céu distante, mas para uma espiritualidade engajada na vida concreta, a partir da graça, que faz nascer um novo ser humano estabelecido na doçura do coração de Deus.

⁵ Evangelisches Gesangbuch, Hannover: Lutherisches Verlashaus GmbH; Göttingen: Vandenhoeck& Ruprecht GmbH & Co. KG, 1994. *Lied* (Hino 67): *Kirchenjahr: Epiphania* (Tempo da Igreja: Epifania). Tradução do autor, realizada em novembro de 2012, em Hamburgo/Alemanha.

Elisabeth von Calenberg-Göttingen, duquesa de Braunschweig-Lüneburg: regente- reformadora, escritora e mãe da Igreja⁶

Elisabeth von Calenberg-Göttingen, duquesa de Braunschweig-Lüneburg, foi uma das mulheres com uma grande influência pública e política. Ela introduziu a reforma protestante na Baixa Saxônia.

Elisabeth nasceu em 1510, em Cölln an der Spree (hoje Berlim), Alemanha, em uma família nobre com cinco crianças. Seus pais, Eleitor Joachim I, de Brandenburg e sua esposa Elisabeth da Dinamarca, preocuparam-se que os seus filhos e filhas recebessem educação. Ela teve uma educação fundamental com os seus dois irmãos e as suas duas irmãs na residência em Cölln. Elisabeth tinha bons conhecimentos da língua alemã, matemática, latim, e bíblicos. Ela foi educada rigidamente na fé católica.

Como era costume da época, os casamentos entre as pessoas nobres e ricas eram arranjados, e assim também aconteceu com o casamento de Elisabeth. Com apenas 15 anos de idade, ela casou-se com um viúvo, sem filhos, 40 anos mais velho do que ela, duque Erich I, regente de Braunschweig-Calenberg-Göttingen (é importante lembrar que, na Idade Média, a Alemanha era dividida em vários reinos). O marido de Elisabeth era regente de parte daquela região. Uma tarefa urgente que Elisabeth recebeu foi a de engravidar, pois necessitava-se de um herdeiro para o reino. Até os 25 anos de idade ela deu à luz quatro crianças: As filhas Elisabeth (1526), o herdeiro do reino Erich II (1528) Anna Maria (1532), Katharina (1534).

Quando Elisabeth tornou-se mãe de Anna Maria, ela ficou gravemente doente. Seu marido foi procurar uma ex-amada chamada Anna Rumschottel. Em relação a essa fuga do marido nasceu o primeiro conflito, em 1533. Elisabeth acusou Anna Rumschottel de bruxa. Anna, no entanto, conseguiu fugir e assim se salvou da prisão ou da fogueira. Elisabeth, no entanto, mesmo com essa atitude de perseguição e de acusação falsa em relação à amante do marido, saiu fortalecida, como afirma Dömrose (2011, p. 102-103). Outra questão, que tornou Elisabeth uma mulher que mudou os rumos da história do seu reino, foi ela ter assumido os princípios reformatórios, influenciada por sua mãe, Elisabeth von Brandenburg.

Elisabeth von Brandenburg, mãe de Elisabeth von Calenberg, era uma princesa dinamarquesa, filha do rei da Dinamarca. Seu irmão Christian II introduziu os princípios da fé luterana na Dinamarca. Isabella, esposa de Christian II, era irmã do rei Carlos V, o grande senhor na Europa católica,

⁶ As obras consultadas para elaborar a narrativa da história de vida de Elisabeth von Calenberg foram: BAINTON, 1996, p. 134-160; NEBIG, 2006; DOMRÖSE, 2011, p. 101-114; HAASE, 2011, p. 72-82.

mas era uma grande simpatizante do movimento protestante liderado por Lutero. Existe a possibilidade de ela ter influenciado Elisabeth von Brandenburg, mãe de Elisabeth von Calenberg, a aderir à fé protestante. Na Páscoa de 1527, contra o seu esposo Joachim I, Elisabeth tomou a Ceia com os dois elementos – pão e vinho. No entanto, como o seu marido servia o rei católico, deu a sua esposa um *ultimatum* para se arrepender, o que ela não aceitou. Ela deveria obedecer ao marido e voltar à fé católica, negando a fé protestante. No entanto, Elisabeth von Brandenburg aproveitou a ausência do marido, quando em março de 1528 ele estava viajando e visitando justamente a filha Elisabeth e o genro Erich I, e fugiu da residência em Cölln (hoje Berlim). Ela não aceitou o *ultimatum* do seu marido, mas permaneceu firme à sua vontade própria. O preço que ela pagou para essa liberdade religiosa foi alto. Mais que 20 anos ela viveu no exílio, muitas vezes solitária e em pobreza. Ela viveu em Torgau, Weimar e Wittenberg, onde ela também esteve como refugiada, na casa de Lutero e Catarina (DÖMROSE, 2011, p. 103-104).

Elisabeth von Calenberg teve, por meio de sua mãe Elisabeth von Brandenburg, contato pessoal com Lutero. As influências de sua mãe e o encontro com Lutero foram fundamentais para a conversão de Elisabeth von Calenberg para o movimento da Reforma. Ela recebeu, pela primeira vez, a Ceia nas duas espécies (pão e vinho) no dia 7 de abril com suas damas de honra e empregadas, segundo o rito luterano. O seu marido foi tolerante e permitiu que Elisabeth confessasse a fé protestante. Até a morte do seu marido, Erich I em 1540, os dois conviveram com as duas confissões: luterana e católica. Elisabeth manteve, regularmente, correspondência com o reformador Martinho Lutero e também enviou presentes a Lutero, como vinho e queijo e recebia presentes de volta como vinho de amoras. Ela também recebeu uma Bíblia traduzida para a língua alemã com dedicatória pessoal de Lutero, como registra Ellrich (2012, p. 69-70).

Após a morte do marido, Elisabeth tornou-se a regente do reino até o filho Erich II alcançar a maioridade. Ela governou durante seis anos (1540-1546) e, nesse período, introduziu a Reforma protestante em seu território, com a forte colaboração do pastor Antonius Corvinus, o qual coordenou visitas e mudanças na organização das igrejas e também na ordem do culto, da Santa Ceia, do Batismo. Segundo Bainton (1996, p. 135), um passo importante já fora em 1530, quando as cidades de Göttingen e Hannover pediram a sua liberdade religiosa e a receberam, em 1536, sob o pagamento de uma grande soma de dinheiro. A cidade de Northeim conseguiu o mesmo em 1539. No entanto, Elisabeth não queria que a Reforma alcançasse somente as cidades. Ela pretendia que a Reforma atingisse todos os rincões do reino que estavam sob o seu comando.

Esse período de seis anos sob a regência de Elisabeth von Calenberg-Göttingen foi muito importante para o movimento da Reforma na região da Baixa Saxônia. Atualmente, a maior igreja territorial da Alemanha encontra-se nessa região da Alemanha, tendo como capital a cidade de Hannover, região essa que pertencia ao território em que Elisabeth governou e introduziu o protestantismo, com a orientação segura do P. Antonius Corvinus, que organizou a nova ordem da igreja, por meio das visitas às comunidades, uma nova ordem para o convento, que ainda hoje permanece evangélico luterano.

Quando o seu filho alcançou a maioridade, Elisabeth sofreu muito, pois o filho Erich II buscou reintroduzir o catolicismo, além de descartar a presença e os conselhos da mãe. Importante lembrar que a introdução da Reforma nos diferentes reinos foi sempre alvo de disputas, onde não somente interesses da religião estavam em jogo, mas, muitas vezes, interesses sociais e econômicos. Em 1546, Elisabeth, viúva, com apenas 36 anos de idade, casou-se novamente com o conde Poppo zu Henneberg-Schleusingen. Ela se tornou, novamente, duas vezes mãe de meninas.

A partir da sua fé reformatória, além da sua atuação política, ela foi também uma grande escritora, uma teóloga leiga, compôs hinos, escreveu um livro *sobre como governar* para o filho, escreveu *orientações sobre o casamento* para a sua filha, escreveu um livro de *consolo para as viúvas*, como *cuidar dos pobres* a partir da Bíblia. Ela morreu no dia 25 de maio de 1558, com a idade de 48 anos.

Elisabeth von Calenberg-Göttingen foi uma mulher notável da Idade Média, adiantada em seu tempo, e não somente como duquesa regente e apoiadora do movimento da Reforma, mas também como escritora e estudiosa leiga de teologia. Martinho Lutero e Felipe Melanchthon falavam com muita estima dela. Melanchthon observou em um escrito: “Elisabeth governou esta igreja com um coração materno, suave e doce, alimentada e nutrida pelo evangelho” (DOMRÖSE, 2011, p. 101).

Argula Stauff von Grumbach: Teóloga e escritora protestante⁷

Argula Stauff von Grumbach nasceu, em 1492, em Beratzhausen (Baviera-Alemanha), como filha de Bernhardin von Stauff e Katharina Thering, pertencentes às famílias nobres empobrecidas. Ainda menina, segundo o costume da época, foi enviada à casa de Alberto IV, regente da Baviera, para receber formação nobre com as três filhas desse governante. O caminho

⁷ Para elaborar a narrativa da história de vida de Argula foram consultadas as seguintes autoras e autores: BAINTON, 1996, p. 103-119; ELLRICH, 2012, p. 41-43; HAASE, 2011, p. 120-125; DOMRÖSE, 2011, 17-32; KOCH, 2010, p. 10-13; BIRNSTEIN, 2014; MATHESON, 2004, p. 113-126.

para as meninas receberem educação era o convento ou serem acolhidas por algum parente nobre que oferecesse educação em sua casa para as suas filhas. Argula aprendeu a ler, escrever, e tinha grandes conhecimentos bíblicos. Foi uma menina que não foi enviada ao convento. A sua experiência é de viver junto a uma família nobre.

Aos 10 anos de idade, ela recebeu do pai um presente raro e caro para a época: uma Bíblia. Seus pais morreram em 1509, vítimas da peste. Em 1515, ela se casou com Friedrich von Grumbach, de família nobre da região da Francônia, Alemanha. Ela teve uma filha Apollonia e dois filhos Georg e Hans Jörg.

Em 1522, foi proibido na Baviera ler ou mesmo discutir qualquer texto ou ensinamento de Martinho Lutero. Na Universidade de Ingolstadt, o jovem mestre Arsacius Seehofer, ex-aluno de Felipe Melanchthon, foi forçado a se retratar publicamente devido às suas ideias reformatórias. O mesmo foi banido para o monastério mais próximo. Provavelmente, ela ouviu de seu irmão Marcellus, que estudava na Universidade de Ingolstadt, o que estava ocorrendo com o jovem professor Seehofer, devido à sua ligação com Melanchthon.

Em 7 de setembro de 1523, Argula escreveu uma carta de próprio punho à direção e aos professores da Universidade de Ingolstadt e outra ao Regente Guilherme da Baviera, solicitando explicações quanto ao afastamento do Prof. Seehofer. Ela nunca recebeu resposta à sua carta. As cartas escritas à mão, de Argula, são mais radicais do que as cartas impressas.⁸ Como o seu pedido de diálogo foi negado pela reitoria da Universidade de Ingolstadt, seus escritos foram impressos como *cartas panfletárias*⁹ e publicados. A primeira carta panfletária foi publicada quase que simultaneamente em Nürnberg, (que, na ocasião, era um centro cultural e religioso muito importante) e em Basel. Essas duas publicações até faziam parte de um procedimento normal, numa época em que escritos acerca de questões polêmicas eram comuns. Uma grande surpresa, porém, foi o fato de, em curto espaço de tempo, surgirem

⁸ KOMMER ap. MATHESON, 2004, p. 115.

⁹ O termo original em alemão é *Flugschrift*. Foi uma nova forma de comunicação em massa que surgiu no século XVI. Era uma maneira de tornar públicas as discussões atuais. Trata-se de uma espécie de “jornal do dia”. Questões de propaganda política, controvérsias religiosas e outras polêmicas foram publicadas e assim espalhadas, para influenciar a opinião pública. As cartas panfletárias eram fundamentais para a propagação das ideias da Reforma. As próprias teses e escritos de Lutero, Melanchthon e outros se espalharam, primeiramente, desse modo. Portanto, Argula, como escritora colocou, publicamente, a sua opinião reformatória por meio das suas cartas panfletárias. Há outras escritoras desse período histórico como Ursula von Weyda, Katharina Schütz Zell, por exemplo. Essas cartas eram lidas nos mercados públicos que, geralmente, ficavam nos centros das cidades, e nos púlpitos das igrejas. Provavelmente, as cartas panfletárias das mulheres reformadoras foram lidas nos mercados e em grupos.

outras 15 publicações do mesmo texto em cidades como Breslau, Augsburg, Erfurt, Straßburg, Stuttgart, Leipzig, Nadler e Braunschweig. Não podemos esquecer que os príncipes proibiram, em 5 de fevereiro de 1522, a circulação de escritos de Lutero no reino da Baviera. Mesmo assim, as cartas em defesa da Reforma de Argula circularam por vários territórios, cidades e reinos. Importante ressaltar que Argula argumentou em suas cartas, utilizando-se de versículos bíblicos. Ela demonstrou em suas cartas que era uma excelente conhecedora da Bíblia.

Argula com sua carta buscou ensinar os professores, para que eles apontassem o caminho correto para os teólogos a partir da Sagrada Escritura. Pessoalmente, ela não recebeu nenhuma resposta em relação à sua carta. Mas o poder político reagiu e a consequência foi que seu marido, que era católico, perdeu o emprego. Ele era uma espécie de governador de Dietfurt, numa região da Baviera. Os argumentos para que o marido de Argula perdesse o trabalho foram: “Ele não foi capaz de impedir que a sua esposa escrevesse, enviasse e publicasse cartas defendendo ideias reformatórias” (DOMRÖSE, 2011 p. 23-34). Para os nobres, a honra era uma das coisas mais importantes na vida e com os escritos públicos de Argula era como se o marido tivesse perdido o poder de chefe da família e traísse os poderes religiosos e políticos.

Argula escreveu, impulsionada pelos escritos da Reforma. Não podemos entender a atitude dela a partir de uma motivação moderna feminista e sim, a partir da solidariedade cristã, firmada nos escritos da Reforma. A partir do batismo, ela estava incorporada em Cristo. Ser de Cristo significa estar em Cristo. Ao escrever e publicar as suas cartas panfletárias, ela tomou posição diante de situações que considerou injustas, Argula rompeu com as fronteiras entre a sua vida privada como mulher e o mundo público, domínio dos homens. Ela se colocou como uma sábia teóloga, baseada na Bíblia e nos princípios protestantes.

Ela também se correspondeu com os reformadores Lutero, Melanchthon, Espalatino e Osiander. Ela aconselhou Lutero a se casar (BIRNSTEIN, 2014, p. 67). Mais tarde, em 1530 em Augsburg, ela chamou a atenção dos protestantes para o Salmo 121.4 e os encorajou a resistir. Ela procurou Lutero em Coburg e deu a ele um conselho, como sua esposa Katharina poderia desmamar a sua filha Magdalena (MATHESON, 2004, p. 122). Martinho Lutero a reconheceu como “um instrumento especial de Cristo” (BIRNSTEIN, 2014, p. 63). Argula também afirmou: “E mesmo se viesse a acontecer que Lutero negasse tudo o que disse – que Deus não o permita –, isso não mudaria em nada a minha opinião. Eu não construo a minha opinião sobre a opinião de Lutero ou de qualquer outra pessoa, mas sobre a verdadeira rocha: Jesus Cristo” (BIRNSTEIN, 2014, p. 33). Ela não queria ser identificada como luterana e sim como cristã.

Ela é reconhecida, a partir de pesquisas históricas, como uma das primeiras escritoras e teólogas protestantes. Foram publicadas oito cartas de sua autoria, escritas provavelmente no período de um ano. Além de escritora e lutadora pela causa da Reforma, ela também preocupou-se com a educação de sua filha e seus dois filhos. O filho George estudou na escola-doméstica de Hans Deck, Johann Ketzmann em Nürnberg. A filha Apollonia foi encaminhada para Lenting e morou no castelo da família Grumbach. O marido de Argula morreu em 1530. No período de 1533 a 1535, ela casou-se novamente com o conde von Schlick. A data da sua morte não é conhecida, provavelmente ela morreu entre 1556-1557.

A Igreja Territorial da Baviera criou, há pouco tempo, uma fundação com o nome de Argula von Grumbach, com o objetivo de promover direitos iguais para mulheres e homens, bem como auxiliar nas discussões sobre as questões de igualdade e justiça de gênero no contexto da igreja e da sociedade.¹⁰ É realmente incompreensível que ela tenha ficado à margem da história, esquecida, silenciada e invisibilizada. Ela foi uma verdadeira teóloga protestante, argumentou, bíblica e corajosamente, por mudanças na sociedade e na Igreja do seu tempo.

Katharina Schütz Zell: primeira pregadora protestante¹¹

Katharina nasceu, provavelmente, entre 1497 e 1498, em Estrasburgo (França), como filha de Elisabeth Gerster e Jakob Schütz, mestre carpinteiro que fazia parte do conselho da cidade. Katharina aprendeu a ler e a escrever quando ainda não havia escolas públicas organizadas, mas em casas-escola, onde professores ministravam aulas para meninas e meninos. Começou muito jovem a ler a Bíblia e tinha muitas perguntas que envolviam a vida religiosa, embora a prática da leitura da Bíblia não fosse apoiada pela hierarquia eclesiástica da época. Ela não viveu no convento, algo que era comum na vida de muitas mulheres.

O primeiro grande ato de rebelião contra a sociedade do seu tempo foi casar-se com um homem do clero, o sacerdote Matthäus Zell, no dia 3 ou 4 de dezembro de 1523. O casamento de clérigos era algo central no movimento da Reforma protestante, pois questionava a separação do sagrado e do profano e a estrutura hierárquica e clerical da Igreja.

¹⁰ Disponível em: <http://www.bayern-evangelisch.de/was-uns-traegt/frauen-und-reformation.php>. Acesso em 20 de maio de 2016.

¹¹ A narrativa da história de vida de Katharina Schütz Zell está fundamentada nas seguintes autoras e autores: HAASE, 2011, p. 22-27; JANCKE, 1995, p. 55-80; JUNG, 2008, p. 112-118; DOMRÖSE, 2011, p. 45-58; BAINTON, 1996, p. 56-83; KOCH, 2010, p. 22-25; ELLRICH, 2012, p. 16-18.

Com o casamento, Matthäus Zell foi excomungado da Igreja Católica, assim como os outros clérigos que se casaram. Katharina tomou a iniciativa e, corajosamente, escreveu uma carta ao bispo defendendo o seu esposo e o casamento dos clérigos. Ela se posicionou contra o celibato. Ela intitulou a sua carta: “Desculpas de Katharina Schütz, para Matthäus Zell, seu marido, pastor e servidor da Palavra de Deus em Estrasburgo, devido às grandes mentiras que recaem sobre ele” (DOMRÖSE, 2011, p. 46). Catarina argumentou contra a excomunhão, mandando *rauchende Briefe*, cartas fumegantes, ao bispo (DOMRÖSE, 2011, p. 47). Numa delas, diz que ela vive numa comunhão harmoniosa com o marido e que não concorda com a suposta vida celibatária dos religiosos, “dos quais, não raro, sete mulheres estão grávidas ao mesmo tempo” (DOMRÖSE, 2011, p. 47). A carta demonstra um grande conhecimento bíblico de sua autora, onde ela contra-argumenta a citação de Paulo de que as mulheres devem permanecer caladas (1 Co 14.34) e argumenta com o texto de Gálatas 3.27-28 e com o profeta Joel 2.28... O seu marido a tratava como ministra/pastora assistente, o que era muito avançado para a época. Ele nunca a barrou em seus escritos e na sua atuação. Havia entre os dois uma cumplicidade na ação em favor da Reforma protestante.

Katharina foi mãe de duas crianças, que morreram pequenas, causando muita dor ao casal. Ela engajou-se, então, socialmente e escreveu muitos textos. A dor da morte de seus filhos influenciou os seus escritos. Já em 1524, foram publicados dois deles: a carta ao bispo contra a quebra do celibato de seu marido e uma carta de consolo para as mulheres que tiveram que permanecer em Kenzingen, cidade no sul da Alemanha, devido à perseguição aos seus maridos.

Havia também nesse período histórico muita perseguição aos adeptos da Reforma, o casal deu refúgio para muitos deles. Katharina deve ter sido uma mulher muito solidária e prática. Quando, certa vez, 150 homens protestantes vieram a refugiar-se em Estrasburgo, ela hospedou 80 deles na casa pastoral, cuidando de sua alimentação por quatro semanas. Esses 150 homens tinham sido expulsos de sua cidade, Kenzingen, e deixaram para trás suas esposas.

Quando iniciou a Guerra dos Camponeses, Katharina foi com seu marido e o reformador Wolfgang Capito aos acampamentos dos revoltados, para convencê-los a buscarem um caminho sem violência. Não tiveram êxito. Numa batalha perto de Estrasburgo, os camponeses foram vencidos e uma multidão de três mil refugiados invadiu a cidade. Katharina ajudou a dar-lhes abrigo durante meio ano.

A casa do casal tornou-se uma casa-abrigo e de diálogo ecumênico em relação ao movimento da Reforma. Pode-se dizer que dessa forma surgiu a casa pastoral, uma casa de acolhida e de parada para os fugitivos devido

à perseguição da Igreja de Roma. Além da diaconia solidária exercida pelo casal, Katharina também agiu como conselheira, fortalecendo as mulheres que devido às perseguições aos maridos, necessitaram ficar sozinhas e com a responsabilidade do cuidado das crianças. Ela recebeu em sua casa os reformadores: Ulrico Zwinglio de Zurique e João Oekolampad (Ecolampdio) de Basileia e também trocou correspondência com vários deles, inclusive com Lutero, e até o visitou, com o seu esposo, em Wittenberg. Ela viajou com seu marido para Suíça, Schwaben, Nürnberg, Pfalz e, como já foi mencionado, Wittenberg. Elisabeth circulou entre cidades, territórios e reinos e teve contato com muitos reformadores (JUNG, 2011, p. 50). Era uma mulher que não ficou parada em casa, mas presente nas conversas, nas viagens e nos contatos. Ela estava por dentro do que acontecia no movimento da reforma protestante.

Em 1534, Katharina Schütz Zell editou um hinário, apontando para a importância da música e da oração na vida cotidiana. Ela também reescreveu os Salmos 51 e 130, com o Pai-Nosso, como carta de consolo, numa perspectiva inclusiva no falar sobre Deus. Ela pregou em público três vezes: a primeira vez em janeiro de 1548, quando morreu o seu marido. As outras duas vezes ela pregou na hora do enterro de duas mulheres, adeptas do pregador Schwenckfeld. Os pastores não realizaram o enterro, pois consideravam os/as seguidores/as de Schwenckfeld, heréticos, pois, em seu entender, os mesmos haviam se separado da Igreja. Katharina entendia que a pessoa cristã necessitava exercitar o amor incondicionalmente, princípio da Reforma protestante e da liberdade cristã.

Em 1529, Katharina hospedou os reformadores Zwinglio e Ecolampdio de Basileia, que se dirigiam a Marburg para um encontro com Lutero, a fim de buscar um entendimento a respeito da Santa Ceia. Quando Katharina soube que não chegaram a um acordo, intrometeu-se na briga, escrevendo uma carta a Lutero, na qual ela o censurou de não ter observado o amor que era mais importante do que todas as disputas doutrinárias. Katharina também correspondeu-se com outros reformadores e, certa vez, 30 deles se hospedaram na casa dos Zell, vindos de Wittenberg, Sachsen, Hessen, Nürnberg, Schwaben, e de outros lugares (DOMRÖSE, 2011, p. 50).

Em 1548, morreu o seu marido. Na hora do seu enterro, Katharina também usou a palavra, dirigindo-se à comunidade. Visto que a sua prédica deu motivo para polêmica, escreveu uma justificativa, dizendo que não pretendia o ministério do pregador ou do apóstolo; mas, assim como Maria Madalena tornou-se uma apóstola, por ter sido enviada pelo próprio Senhor a testemunhar a ressurreição de Cristo.¹¹ Após a morte de seu marido, Katharina Schütz Zell não recuou em seu engajamento. Tornou-se ainda mais ativa. Ela

escondeu, durante algumas semanas, os reformadores Martim Bucer e Paulo Fagius em sua casa, antes do exílio dos mesmos para a Inglaterra. Também acolheu o seu sobrinho Laux Schütz que estava com sífilis. Quando não pôde mais cuidar dele em casa, encaminhou-o para uma instituição. Vendo as condições catastróficas dessa instituição, escreveu um relatório ao Conselho da Cidade, sugerindo, entre outros, que deveria haver um acompanhamento espiritual para as pessoas ali internadas. Argumenta que entre os pacientes havia pessoas que nem sabiam orar o Pai-Nosso. Aí temos um exemplo de como ela trabalhou para melhorar as condições sociais da cidade.

Seus últimos anos de vida não foram somente marcados por doenças, mas sim com diálogos e disputas com a nova geração de pregadores protestantes em Estrasburgo. Uma ala de protestantes era muito luterana, chegando a ser radicais em seus posicionamentos, pois perseguiam e condenavam aqueles que divergiam de suas convicções. Katharina defendia que o amor cristão precisava estar acima de todas as divergências e que não se deveria usar nenhuma violência. Por isso visitou, na prisão, o pregador protestante da linha radical Melchior Hoffmann, pois ela também tinha um ouvido aberto para “os pobres batizadores... Eles também confessam o Cristo assim como nós” (DOMRÖSE, 2011, p. 53).

Em 1557, ela trocou cartas com Ludwig Rabus, um dos novos pregadores, que difamava outros pregadores como Zwinglio e seus seguidores como hereges. Esse mesmo pregador, na prédica do Natal de 1556, atacou veementemente Kaspar Schwenckfeldm. Ele o chamou de “amaldiçoado, diabólico, maldito e vergonhoso” (DOMRÖSE, 2011, p. 53). Ela lhes escreveu advertindo que assim eles estavam destruindo a Igreja em vez de edificá-la. Rabus lhe devolveu a carta sem tê-la aberto. Mas, Katharina lhe enviou outra carta, recomendando que ele parasse de condenar, para não ser condenado. Na resposta a essa carta Rabus declarou que Katharina tem uma “boca desavergonhada” (*unverschämtes Maul*). Não obstante, ela escreveu mais uma vez, expondo-lhe sua compreensão de batismo e Santa Ceia. A fim de conseguir apoio para as suas ideias apaziguadoras, publicou sua correspondência com Rabus (DOMRÖSE, 2011, p. 54). Percebe-se que a geração seguinte à primeira geração de reformadores foi muito radical e atacou com muita força aqueles e aquelas que apresentavam outras práticas.

A última publicação de Katharina foi no ano de 1558, sendo essa uma carta de consolo a Felix Armbruster. Esse homem tinha sido um alto magistrado da cidade, mas contraiu lepra. Ele vivia fora dos muros da cidade, como “morto-vivo”. Em sua carta de consolo, Katharina interpretou para ele o Salmo 51 e o Pai-Nosso (DOMRÖSE, 2011, p. 56).

Katharina pregou mais duas vezes publicamente: na sepultura de mulheres por terem sido seguidoras de anabatistas (*Wiedertäufer*), nenhum pregador considerado seguidor de Lutero quis sepultá-las, pois diziam que as mesmas tinham se desviado da Igreja de Jesus Cristo. Uma delas Elisabeth Heckerling foi enterrada de madrugada, às escondidas. O Conselho da Cidade quis processá-la por isso, mas Katharina morreu em 5 de setembro de 1562, antes que isso acontecesse.

Em Katharina temos um exemplo de testemunha do evangelho em palavra e ação. Nas suas concepções teológicas encontramos pontos de vista defendidos hoje pela teologia feminista, quando, por exemplo, ela discute os escritos de Paulo. Ela também tem como referência, mulheres bíblicas tanto do Novo como do Antigo Testamento. Na sua interpretação do Pai-Nosso, ela afirma que Deus pode ser comparado com uma mãe que conhece as dores de parto e a alegria de uma mãe que amamenta. Ela é considerada uma Mãe da Igreja, ela não esteve somente presente na construção da Igreja em Estrasburgo, mas circulou por muitos espaços públicos, viajou, dialogou ecumenicamente, escreveu, publicou, pregou em público, buscou já em seu tempo histórico por uma relação de igualdade entre homens e mulheres.

Considerações finais

As narrativas das histórias de vida das cinco reformadoras nos mostram mulheres inteligentes, atuantes e participantes ativas e criativas no movimento da Reforma protestante no século XVI. Infelizmente, as suas histórias ficaram esquecidas, silenciadas e invisibilizadas. Foi com o movimento feminista, a partir dos anos 60-70, que nasceu o interesse sobre a história das mulheres e seu cotidiano e, assim, também começou um processo de recuperação das histórias delas no movimento da Reforma.

As histórias das reformadoras e a sua atuação corajosa, criativa, sem dúvida, podem ser uma grande inspiração e força criativa para a atuação das mulheres no tempo presente. Percebe-se que, apesar dos reformadores terem uma teologia avançada, a partir do batismo, que aponta para o sacerdócio universal de todas as pessoas crentes e para a justificação por graça e fé, eles permaneceram, em relação às mulheres, presos à cultura do seu tempo. Por um lado, como foi possível perceber, a atuação de Lutero é paradoxal. Ele parece preso à ordem natural, e expôs isso nos seus textos (*Do Matrimônio*, por exemplo), mas, por outro lado, é avançado, pois coloca o casamento como um lugar onde se pode servir a Deus. Ele rompe com a separação rígida entre a dedicação ao sagrado e a vida profana. No entanto, as narrativas das reformadoras deixam muito claro que ele elogiou a participação e a atuação efetiva delas, inclusive, nas discussões teológicas, como é o caso, de Argula

von Grumbach. Ele elogiou a sua esposa Katharina von Bora como uma mulher ativa no meio público, negociando e gerenciando os bens da família. Ela também participou de conversas à mesa com estudantes e visitantes e foi colocada a par das disputas teológicas, a partir das cartas que Lutero escreveu, quando estava viajando. O hino escrito por Elisabeth Cruciger fez logo parte do primeiro hinário protestante, no qual fica muito claro o fio vermelho da Reforma, uma teologia cristocêntrica. Elisabeth von Calenberg instituiu a Reforma no seu ducado e manteve correspondência com Lutero. Elisabeth Schütz pregou três vezes em público, acolheu refugiados em sua casa, escreveu cartas e buscou dialogar ecumenicamente com os reformadores, especialmente, com os anabatistas.

As suas histórias, no entanto, são pouco conhecidas. Poucos registros existem a respeito delas. Muitas narrativas das mulheres reformadoras foram reconstruídas a partir de documentos e cartas escritas pelos homens da Reforma, pois em relação às cartas e documentos escritos pelas mesmas não houve o mesmo cuidado em guardá-las e conservá-las nos arquivos. As narrativas das reformadoras mostram, justamente, o sacerdócio de todas as pessoas batizadas, marca registrada do movimento da Reforma do século XVI. Conclui-se, no entanto, que a Reforma do século XVI é um processo inacabado, que necessita continuar e a se fazer no tempo presente.

A luta das mulheres continua. Ser reconhecida publicamente em sua atuação ainda é um desafio a ser superado. Mulheres pastoras ainda são questionadas se de fato são capazes de assessorar uma comunidade, se são capazes de pregar, de realizar enterros, batizar, realizar a Ceia do Senhor. Mulheres em cargos públicos e de liderança ainda são vistas com desconfiança. Há muitas igrejas, ditas protestantes, que ainda não ordenam mulheres para os seus ministérios.

No Brasil, tivemos uma mulher presidenta do país, eleita democraticamente, que no momento sofreu um golpe político. A violência doméstica, o feminicídio, o estupro são realidades tão presentes em nosso cotidiano comunitário e também em toda sociedade brasileira. A batalha por um salário igual e justo pelo mesmo trabalho ainda é uma realidade. As lutas contra o sistema patriarcal e o machismo são parte da vida cotidiana e necessitam serem incorporados na reflexão teológica e nos estudos da religião.

Os terrenos da igreja e da sociedade eram e são ainda muito rochosos, com muitos espinhos. A semente da igualdade e do direito à diferença ainda não pode se desenvolver. Em muitos lugares, a semente da libertação que a Bíblia nos apresenta, a partir de uma hermenêutica cristocêntrica, as ideias libertárias que o movimento da Reforma trouxe, ainda se encontram no chão, esperando o *Kairós* para germinar, brotar e dar o seu fruto. A palavra libertadora

do apóstolo Paulo, de Gálatas 3.27-28, que afirma que a partir do batismo, não existe diferença, pois somos apenas um/a em Cristo, recuperada pelas mulheres reformadoras em suas cartas panfletárias, é também uma semente que ainda está esperando um solo fértil para o seu pleno desenvolvimento.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**, 2. ed., Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BAINTON, Roland H. **Frauen der Reformation: von Katharina von Bora bis Anna Zwingli**, 2. ed., Gütersloh: Gütersloher Verl.-Haus, 1996.
- BIRNSTEIN, Uwe. **Argula von Grumbach: Das Leben der bayerischen Reformatorin**. Schwarzenfeld: Neufeld Verlag, 2014.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves, 5. ed., Petrópolis: Vozes, 1994.
- DALFERTH, Heloisa Gralow. **Katharina von Bora: uma biografia**, São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- DELHASS, Sieth. **Katharina Luther: Wege und Entscheidungen im Zeitalter der Hexenjagd**. In: Evangelisches Predigerseminar Lutherstadt Wittenberg, 1. ed., Drei Kastanien: Wittenberg, 1995, p. 24-26.
- DOMRÖSE, Sonja. **Frauen der Reformationszeit: Gelehrt, mutig und glaubensfest**. 2. auf. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011.
- DREHER, Martin N. **História do Povo Luterano**, São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- ELLRICH, Hartmut. **Die Frauen der Reformatoren**. Petersberg: Michael Imhof, 2012.
- EVANGELISCHES **Gesangbuch**, Hannover: Lutherisches Verlagshaus GmbH; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, 1994. Lied (Hino 67): Kirchenjahr: Epiphania (Tempo da Igreja: Epifania).
- FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Trad. Dorothée de Bruchard, São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- HAASE, Lisbeth. **Mutig und Glaubensstark: Frauen und die Reformation**. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2011.
- JANCKE, Gabriele. **Prophetin – Pfarrfrau – Publizistin: Die Straßburger “Kirchenmutter” Katharina Zell**. In: Evangelisches Predigerseminar Lutherstadt Wittenberg, 1. ed., Drei Kastanien: Wittenberg, 1995, p. 55-80.
- JUNG, Martin H. **Keine Reformation ohne Unterstützung der Frauen**. s/d, Disponível em: <www.buero-fuer-chancengleichheit.elk-wue.de>. Acesso em: 20 de abr. de 2016.
- JUNG, Martin. **Die Reformation: Theologen, Politiker, Künstler**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008.
- KOCH, Ursula. **Die gelebte Botschaft: Frauen der Reformation**. Hamburg: Agentur des Rauhen Hauses Hamburg, 2010.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Trad. Marcos de Castro, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEPPIN, Volker. **Das Zeitalter der Reformation: eine Welt im Übergang**. Darmstadt: WBG, 2009.

LUTERO, Martinho. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. In: _____. Obras selecionadas: Ética: Fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, v. 5, p. 302-325.

_____. Uma prédica para que se mandem os filhos à escola. In: _____. Obras selecionadas: Ética: Fundamentos, oração – sexualidade – educação – economia. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, v. 5, p. 327-363.

_____. Da vida matrimonial. In: _____. Obras selecionadas: Ética: Fundamentos, oração – sexualidade – educação – economia. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, v. 5, p. 160-183.

_____. Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã. In: _____. **Obras selecionadas: O programa da Reforma: escritos de 1520**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, v. 2, p. 435-460.

_____. À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão. In: _____. **Obras selecionadas: O programa da Reforma: escritos de 1520**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, v. 2, p. 277-340.

_____. **Pelo Evangelho de Cristo: Obras Selecionadas de momentos decisivos da Reforma**. Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre: Concórdia; Sinodal: São Leopoldo, 1984.

LUTHER, Martin. **Den Menschen nahe: Briefe na Freunde und and die Familie**. BEUTEL, Albrecht (Hsg.) Leipzig: Evangelische Verlangsanstalt, 2011.

MATHESON, Peter. **Argula von Grumbach – die Frau als Grenzgängerin der Reformation**. In: Wittenberger Sonntagsvorlesungen Evangelisches Predigerseminar: Frauen fo(e)rden Reformation. Wittenberg: Drei Kastanien, 2004, p. 113-126.

NEBIG, Ernst-August. **Elisabeth Herzogin von Calenberg: Regentin, Reformatorin, Schriftstellerin**. Göttingen: Matrix/Media, 2006.

PEDRO, Joana Maria. “A experiência com contraceptivos no Brasil”: uma questão de geração. **Revista Brasileira de História**, vol. 23, nº. 45, São Paulo, julho 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100010>. Acesso em 20 de maio de 2016.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro, Bauru: EDUSC, 2005.

SCHNADEL-SCHÜLE, Helga. **Die Reformation 1495-1555**, 2. ed., Stuttgart: Reclam, 2013.

SENS, Hans-Christoph. **Katharina Luther und Torgau: Beiträge zum Katharina-Luther-Haus**. Torgau: Torgauer Geschichtsverein, 2006.

TREU, Martin. **Katharina von Bora: Biographien zur Reformation**, 9. auf., Wittenberg: Drei Kastanien, 2013.